

Por espiritualidade pode-se entender a comunhão com o Divino, o Eterno, o Absoluto, ou seja, com tudo o que está para além das condições percíveis e limitativas que tanto nos costumam condicionar a existência.

Abraçar um caminho espiritual é antes de mais procurar sublimar os demónios/fraquezas interiores de modo a se harmonizar a natureza íntima com a vontade divina, reflectindo-se essa experiência quer na forma como nos adequamos à vida quer como tratamos os outros. Cristo referiu que era preciso amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo. Esta verdade está presente em todas as grandes tradições espirituais do mundo, mesmo que não seja referido explicitamente a palavra Deus ou uma divindade.

Fale-se de amor, de caridade (no seu sentido original) ou de compaixão um dos princípios fundamentais da espiritualidade consiste na procura da expressão bondosa e benigna para com o nosso semelhante, qualquer que ele seja, enquanto manifestação do divino que se oculta em cada um de nós.

Para alcançar essa união ou harmonização com o absoluto, a divindade ou Deus, foram tomando forma diversas práticas facilitadoras desse objectivo nas mais diversas regiões e épocas da existência humana. A oração, a meditação, a contemplação, os sacrifícios favorecedores do desapego (jejuns, abstinências, doações materiais, etc.) e diversas outras expressões ritualísticas e devocionais foram alguns dos modos encontrados pela humanidade nessa busca divina.

Apesar disso, e de todos os impulsos espirituais projectados na humanidade, nos seus diferentes grupos populacionais, povos e nações, em diferentes momentos históricos e na forma de acções de significância religiosa e filosófica, através de grandes profetas e místicos, o caminho para Deus continua amplamente limitado e perturbado pela própria imperfeição humana: na sua fraca compreensão mental dos assuntos espirituais (complexificando o fácil, centrando-se no acessório ou validando meras divagações intelectuais), na sua incipiente capacidade prática de amar o próximo desinteressadamente, e mesmo na incapacidade de atingir um verdadeiro desapego perante as atracções mundanas, se exceptuarmos alguns poucos seres iluminados ou santos que o conseguiram.

Parece mesmo que, para além dos muitos discursos e inúmeras boas intenções de todos, uma prática espiritual frutífera é algo raro de se verificar neste mundo, onde o mal e o erro continuam a dominar de forma arrogante e despudorada, quer dentro de cada um de nós, quer colectivamente nas acções dos grupos, povos e países.

Mas para além de todas estas deficiências tem-se assistido nas últimas décadas, especialmente no mundo Ocidental, a diversas distorções significativas da espiritualidade, com o conseqüente aumento das confusões, ilusões e desvios quanto à direcção correcta a seguir, ou acentuando as já tradicionalmente existentes. Procurando contrariar esse rumo tomado, na medida das possibilidades permitidas por um livro como o presente, parece ser útil salientar que:

- embora a oração e a meditação, por exemplo, sejam práticas muito úteis para quem trilha o caminho espiritual, não são em si mesmas espiritualidade. De igual modo, quando apanhamos um transporte para chegar a dado sítio não costumamos confundir o veículo com o destino, embora haja quem se pense muito espiritual apenas por fazer meditação, imaginação activa ou por orar de forma regular.

- Não é por se falar, ler ou escrever sobre matérias espirituais que se é obrigatoriamente espiritual; a espiritualidade não é propriamente uma disciplina de retórica ou de comunicação social nem uma prática assente na quantidade de conhecimentos adquiridos. A qualidade espiritual de cada um expressa-se pela sua acção, pelos frutos que disponibiliza ao mundo e não pela mera qualidade, quantidade ou mesmo carácter simbólico, mítico ou esotérico das suas palavras ou conhecimentos.

Cada vez mais os assuntos classificados como espiritualidade viram moda e são populares, mercê de comportarem um estilo exótico, de serem novidade ou de terem boa publicidade, e quem domina algumas das matérias, correcta ou incorrectamente, associadas à espiritualidade consegue receber mais atenção dos outros; basta observar como por exemplo saber astrologia favorece os contactos nas festas sociais.

Esta tendência de popularização tem um lado positivo, pois ajuda a despertar o interesse de muitas pessoas que, de outra forma, dificilmente seriam atraídas para o mundo da espiritualidade, levando-as a contactar com outras dimensões e perspectivas e a procurarem fazer mudanças nas suas vidas, mas, por outro lado, está sempre presente o risco da degradação da espiritualidade, nomeadamente através da criação e disseminação de conceitos errados ou descontextualizados.

- Não é por fazer consultas de adivinhação ou sessões de terapias alternativas ou místicas ou participar em reuniões esotéricas que alguém se torna necessariamente uma pessoa espiritual; e assumir a espiritualidade como argumento central de marketing duma actividade profissional tem até o efeito contrário, sendo mais provavelmente indicador de fraca espiritualidade, ou de queda.

- Também não é por alguém prestar muita atenção à sua evolução espiritual e dedicar muito do seu tempo a aprender novas técnicas, participar em workshops, ler obras de teor espiritual ou participar em reuniões, por exemplo, que avança obrigatoriamente no caminho. A espiritualidade é algo mais do que se preocupar com a sua própria condição, pois centra-se numa actividade de serviço (desinteressado) aos outros e não a si mesmo.

- A espiritualidade é algo que não se paga nem tem preço fixado. Qualquer actividade que envolva directamente uma expressão verdadeiramente espiritual ou assim seja publicitada é incompatível com remunerações tabeladas ou de alguma forma fixadas e obrigatórias.

É correcto afirmar que quem recebe uma benesse espiritual deve retribuir a quem foi o instrumento dessa benesse, mas isso é diferente duma qualquer obrigatoriedade de pagamento ou valor estipulado. Possuir uma actividade comum para obter sustento e dedicar-se nas horas livres a práticas de serviço ao próximo é sempre um caminho seguro a tomar, ou então, assumir o risco de apenas se sustentar com as dádivas voluntárias, mas fazer da ajuda espiritual um negócio é espiritualmente complicado pelas possibilidades de corrupção inerentes.

Quando alguém depende duma actividade espiritual para ganhar a vida tem mais dificuldades em ser verdadeiro, pois tem a necessidade de agradar e de convencer os clientes da sua qualidade, especialmente face à concorrência. Será que um médium que depende da mediunidade para viver materialmente pode dizer ao cliente que nesse dia não está a receber ou a ver nada? Arriscava-se a perder o cliente... Mas se o fizer de forma desinteressada, sem ganhar materialmente com a actividade, pode recusar atender alguém num dia menos bom.

Servir os outros, dum ponto de vista espiritual, implica antes de mais distribuir voluntariamente o que se recebeu de Deus sem exigir recompensa, pois não me parece saber de alguém que depois de exigir por algo realizado com a chancela de espiritual desse uma parte dos seus lucros a Deus. Por isso, aqueles que exigem dinheiro para realizarem milagres em nome de Deus podem ser muita coisa, como vendilhões do templo, mas mais dificilmente serão grandes servidores da causa divina.

Deus não exige a entrega de dinheiro para que as suas energias de cura, sabedoria ou amor fluam para alguém, pois apenas exige fé e mais dedicação ao bem por parte dessa pessoa. O maior pagamento que se pode fazer a deus é adorá-lo e ajudar o próximo desinteressadamente.

Também se deve desconfiar daqueles que prometem iniciações espirituais ou o acesso a quaisquer poderes espirituais em troca de dinheiro, fazendo depender do pagamento a aceitação ou recusa de apresentar o ensinamento. Uma qualquer iniciação espiritual é sempre resultado de um desenvolvimento pessoal, que permite atingir a compreensão de um saber ou alcançar uma dada condição transcendente e não meros conhecimentos teóricos ou técnicas ou rituais mais ou menos teatrais ou espectaculares.

Dificilmente se conseguem encontrar apoios válidos e seguros para um trajecto espiritual verdadeiro entre aqueles em que os seus interesses particulares vigorem e determinem a aceitação ou recusa da ajuda ou do ensino prestados, e onde se inclui a (dominante) questão monetária. E nalguns casos até arpeja a ânsia com que se fala de dinheiro, seja mensalidade, anuidade ou doação.

- a espiritualidade e as práticas a ela associadas não têm como objectivo conferirem bem-estar material, amoroso, social ou profissional à pessoa ou a tão propalada felicidade, pois não foram concebidas com esse fim. O bem-estar, a felicidade, a auto-estima, a autoconfiança, etc. são condições que podem ser consequência duma aproximação a Deus, mas nunca são o objectivo. Cristo referiu que se devia procurar primeiro o Reino dos Céus e que tudo o mais seria acrescentado (Mateus, 6: 33); certamente assim conseguiremos alcançar uma grande serenidade e contentamento interiores, resistentes até mesmo a condições externas desfavoráveis e, porventura, menos adequadas à realização dos objectivos mundanos.

As práticas desenvolvidas com fins de facilitar o caminho foram até mesmo profanadas (tornadas profanas) nas últimas décadas: o ioga deixou de ser essencialmente uma via mística (ou um conjunto de vias) para se tornar, em muitos casos, um mero modo de melhorar a flexibilidade física e combater disfunções orgânicas ou psicológicas de forma descontextualizada, e mesmo um modo de melhorar os orgasmos. Foram ainda fortemente negligenciadas todas as abordagens ióguicas que não se centrem em posições e padrões físicos nem em adaptações comerciais. Assim se reduziu o interesse das grandes vias ióguicas do bakti-ioga, karma-ioga ou raja-ioga, entre outras, ligadas à devoção, à acção em desapego dos frutos ou ao conhecimento profundo e real da essência divina.

A meditação mais do que preparar a mente para o contacto com o absoluto é vendida como um método de aumentar a acuidade intelectual para se poder vencer num mundo empresarial competitivo. O tantra acabou por ser transformado num mero modo de se ser um campeão sexual, numa indiferença para com os motivos sagrados subjacentes. E por este andar não será de admirar um dia alguém se lembrar de comercializar hóstias consagradas com o

argumento de ser muito bom para combater a fadiga e contrariar o envelhecimento... E seria então ver as igrejas cheias de «fiéis», que no fim ainda se considerariam muito devotos!

A espiritualidade e todas as áreas nela confluentes têm sido degradadas pelos vendilhões do templo de uma forma única na história, pois se antigamente os abusos e as deturpações surgiam no seio das poucas instituições religiosas tradicionais existentes agora verificou-se uma perfeita democratização da profanação da espiritualidade, ao ponto de práticas místicas serem adulteradas e registadas enquanto marcas com direitos de autor, como se pode observar em algumas abordagens ligadas à cura energética.

Em suma, quando Jesus foi tentado pelo demónio no deserto foram-lhe prometidas muitas das coisas que não poucas pessoas actualmente procuram alcançar através de práticas ocultistas e espirituais.

A nossa vida, conhecimentos, recursos e experiências são meios e não fins em si... a felicidade costuma ser uma consequência natural daqueles que não estão preocupados com ela, nem gastam energias a procurá-la directamente, mas procuram fazer o seu semelhante feliz. Sente-se estimado quem mais do que buscar a auto-estima, procura elevar a estima dos outros; assim como livre é aquele que usou o seu livre-arbítrio para fazer a vontade de deus e não a do seu eu inferior.

- A espiritualidade é um caminho de transcendência, não de fuga ou recusa da vida terrena, mas também não de submissão à matéria e aos apelos terrenos. A espiritualidade comporta fundamentalmente um sacrifício, um despojamento, um acto heróico de liberdade dos desejos vulgares, no que isso queira dizer para com os nossos apetites, vícios e desleixos interiores.

Não fica muito bem no mundo actual falar de sacrifícios à vasta multidão de consumidores que apostam tudo na saciação dos seus apetites; como não fica bem, falar de sacrifício perante multidões de pessoas condenadas a viver materialmente com muito pouco, pois esse sacrifício já o fazem, mesmo que muitas vezes involuntariamente e de forma pouco digna para a humanidade no seu todo.

O sacrifício que todos devemos fazer, sejamos pobres, remediados ou ricos, é libertarmo-nos dos nossos empecilhos interiores, pois cada um de nós pode ser presa de uma decadência particular e de defeitos que impossibilitem o progresso espiritual, independentemente das posses ou qualidades que se possua. E quantos não há que sofrem materialmente as consequências de sustentarem apegos, vícios e fragilidades de carácter.

- Ter poderes psíquicos ou extrasensoriais não significa obrigatoriamente ser espiritual ou muito evoluído, como tantas vezes se afirma. Nos escritos rosacruceanos de Max Heindel e antroposóficos de Rudolf Steiner, por exemplo, são feitas várias vezes referências a faculdades, como a clarividência, que podem estar activas em pessoas despertas espiritualmente mas também podem constituir resíduos atávicos de estados anteriores da humanidade. É certo que esta perspectiva pode ser questionável, pois as alegações quanto à distinção entre uma clarividência involuntária (negativa e atrasada) e uma clarividência voluntária (positiva e associada a uma maior evolução) pode ser algo polémica. Mas como se verá mais adiante, em capítulo próprio, também outros autores, como Alice Bailey ou T. Saraydarian, por exemplo, fizeram distinções gradativas entre as várias formas de capacidades extrasensorial. Para esta autora, por exemplo, a mediunidade e a clarividência seriam poderes

psíquicos inferiores enquanto a mediação e a visão mística constituiriam poderes superiores. (Psicologia Esotérica, vol. II, tomo II, Fundação Cultural Avatar, RJ, 1995).

Conan Doyle, adepto do espiritismo (e escritor famoso), não se cansava de repetir que os dons mediúnicos não têm qualquer relação com a inteligência ou o carácter do médium e que uma mediunidade que não é acompanhada por uma capacidade intelectual vigorosa e lúcida e de um carácter isento e fortalecido no bem é, antes de mais, um perigo e uma fonte de erros.

Pode ainda argumentar-se, e ninguém duvidará certamente, que a capacidade de visão física vulgar não tem qualquer relação directa com a espiritualidade; possuir um qualquer sentido físico ou extrafísico apurado ou activado não é indicador de um qualquer grau de espiritualidade, assim como não o é a ausência de actividade dum dos cinco sentidos numa qualquer pessoa.

Mais do que procurar estabelecer qualidades espirituais através das faculdades extrasensoriais presentes, ou ausentes, deve-se procurar desvendar nas aplicações práticas dessas faculdades, quando existem, o valor espiritual de quem as possui.

De forma semelhante, ou seja, sem conclusões preconcebidas, são encarados os carismas nas igrejas cristãs; percebemos que falar línguas desconhecidas ou ter o dom da profecia podem ser dons inspirados pelo Espírito Santo (I Coríntios, 12:4-11), mas também há alertas quanto aos poderes dados pelo demónio e onde se incluem estes mesmos dons referidos (Ver Gabrielle Amorth, Novos Relatos de um Exorcista. Paulus Editora, 2003) ou quanto à possibilidade dos falsos profetas realizarem milagres (Mt 7:22 e 23). Assim, também na visão cristã a mera posse de capacidades sobrenaturais ou espirituais não define por si só o seu valor e origem, deixando a conclusão para, uma vez mais, os frutos das acções realizadas.

- Nem tudo o que é suprafísico, imaterial é espiritual.

Espiritual é tudo aquilo que comunga e está presente nos valores eternos divinos, havendo muitas forças, energias, vibrações ou entidades que apesar de actuarem em ou resultarem de dimensões, planos ou mundos para além da realidade visível são tudo menos espirituais, pois nelas vigoram valores percíveis e desfasados ou antagónicos ao divino. Uma boa parte das entidades que procuram contactos com a humanidade são adversas ou, no mínimo, meramente alheadas da realidade espiritual.

Quantas energias ou práticas são consideradas (e vendidas) como espirituais quando afinal são geradas em planos próximos ao material; a electricidade e o magnetismo também não são propriamente visíveis senão através dos seus efeitos, benéficos ou prejudiciais, e nem por isso alguém as vai considerar como espirituais.

A natureza física e os planos adjacentes a ela, como os planos etéricos e astrais referidos no esoterismo, também são plenos de energias e vibrações várias, cujos efeitos são fundamentais na vida humana, mas nem por isso deverão ser tomados de forma automática e obrigatória como espirituais.

Isto não quer dizer que não haja energias espirituais a expressarem-se através desses planos, criando neles efeitos e consequentes fluxos para níveis mais densos, mas apenas que assim como se diz que «nem tudo o que luz é ouro», alguns cuidados devem ser tidos e nunca faltar o sentido crítico sempre que algo for apresentado como espiritual por se basear em entes, energias ou forças suprafísicas e imateriais.

- Igualmente não é por algo levar a chancela ou ser considerado como esotérico, místico ou espiritual que o é na realidade: diversas práticas, teorias ou obras são apresentadas como tal e assim podem ser consideradas pelos seus potenciais consumidores, mas podem não passar de meras ilusões fantasiosas.

Se não forem mais do que inocentes fantasias pouco mal poderá daí advir, em primeira análise, pois podem resumir-se a práticas destituídas de grandes efeitos, quer dos esperados e anunciados quer de potenciais efeitos secundários. Apenas se poderá lamentar o tempo e algumas energias ou dinheiro aplicados em vão, embora também possam conduzir a algum desânimo ou confusão quanto ao que é verdade do que não é, mantendo a pessoa encerrada em devaneios inconsequentes.

Mas alguns erros, mesmo que resultando apenas do optimismo ou ignorância do seu criador ou autor, podem trazer consequências mais negativas para quem os siga e ponha em prática. Assim como um erro na instalação dum circuito eléctrico pode dar um forte choque ou conduzir a um curto-circuito, algumas práticas das áreas esotéricas, mais particularmente, podem trazer grandes dissabores se forem mal compreendidas ou mal aplicadas.

É pois necessário usar-se sempre do bem senso e ter muito sentido crítico quando alguém se aventura nestas áreas, especialmente se o fizer de forma individual, pois até mesmo uma prática correcta quando realizada por quem desconhece em profundidade como lidar com as energias ou forças activadas pode ser gravemente danosa.

É por essa razão que muitos dos rituais de magia aplicados por grupos mais responsáveis não costumam ser explicados na íntegra ao público em geral, mas sim em formas incompletas. Outros, por exemplo, são distorcidos para assim serem inactivados. Mas nem todos os praticantes de magia têm estas precauções.

A ignorância, o dinheiro fácil e até mesmo a influência das forças trevosas podem induzir alguns a negligenciar a segurança dos curiosos e dos praticantes amadores. E assim aquilo que parecia ser maravilhoso e até mesmo muito espiritual acabou trazendo influências e consequências negativas para a vida duma pessoa ou, pelo menos, imobilizou-a na condição de cegueira perante a verdadeira luz.

Quando se está perante uma determinada prática espiritual que, apesar de ser apelidada como tal e valorizada por uma ou várias fontes ou grupos, também é alvo de críticas ou alertas quanto às precauções a ter por diversas outras fontes ou grupos então deve-se ter especial atenção ao que todos dizem. É importante, nestes casos, medir bem os argumentos de cada um dos grupos. Isto não quer dizer que a razão tenha obrigatoriamente de pertencer sempre à mesma parte de um dos lados da «contenda», mas quando a discordância, dúvida ou alerta face a dada prática se encontra presente em vários grupos distintos é por que alguma razão deve haver para tal. Pode não passar de difamação concorrencial, mas certamente vale mais prevenir do que remediar...

Há práticas, escolas ou técnicas, esotéricas ou exotéricas, ocidentais ou orientais, inovadas, renovadas ou parecendo tradicionais, algumas em expansão e até sendo divulgadas pelos meios de comunicação, algumas aceites por todos como inócuas e até salutares, ora dizendo-se adaptadas e adequadas às necessidades e perspectivas modernas, ora dizendo-se em ligação directa com grandes mestres, civilizações ou sabedorias ancestrais, mas muitas delas tendo perdido o fio de ligação à sabedoria que esteve na sua origem (ou nunca tendo existido) e promovendo mais desvios e bloqueios do que verdadeiros caminhos espirituais.

- Espiritualidade e religião não são automaticamente sinónimos

A religião pode ser considerada como um modo estabelecido de um dado grupo ou comunidade prestar culto ao Divino através de rituais, códigos e preceitos bem definidos, podendo-se afirmar que cada religião é uma forma particular de se experimentar a espiritualidade.

Mas assim como é possível seguir-se um caminho espiritual sem aderir de forma integral ao universo religioso, também é possível ser aderente de uma religião sem objectivos verdadeiramente espirituais, mas apenas os ditados pela conveniência social ou por ambições e posturas profanas.

Seguir uma via espiritual independente tem uma grande vantagem: independência face a dogmatismos instituídos e limitações impostas pelas autoridades religiosas, as quais muitas vezes determinam conceitos e preceitos mais movidos por necessidades práticas organizacionais do que realmente por necessidades espirituais.

Mas também tem uma grande desvantagem: as práticas e os ensinamentos instituídos reduzem o risco dum pessoa ser guiada por ilusões e alimentar meras fantasias. Além disso, a existência dum grupo com a mesma linguagem e objectivos semelhantes confere uma base de sustentação à prática espiritual.

Ao longo da história sempre houve uma grande desconfiança mútua entre aqueles que seguiam caminhos espirituais mais ou menos particulares, como os místicos, e os que estavam plenamente integrados em estruturas religiosas, contudo também sempre houve benefícios comuns: os místicos iam alimentando e renovando os preceitos espirituais dos grupos religiosos e estes, por seu lado, iam dando consistência e durabilidade aos feitos dos místicos.

- O caminho da espiritualidade não é uma via isenta de problemas

O mundo da espiritualidade, especialmente se centrado em perspectivas ocultistas ou esotéricas, não é uma panaceia miraculosa e imediata para todos os problemas da humanidade, nem um oceano de bem-aventurança e felicidade, disponível para ser navegado por qualquer um movido pela curiosidade ou pela ambição.

O caminho espiritual é a via correcta em direcção ao eterno, mas nele está implícito o choque com as forças das trevas e a sua acção, representem elas obstáculos interiores ou exteriores, práticas e conceitos pessoais ou colectivos, e actuem na forma de seres humanos, entidades suprafísicas, energias, símbolos ou impulsos psíquicos.

As forças das trevas actuam sobre e na vida humana, causando desvios e grandes sofrimentos, fixando o ser humano no vício e no erro, degradando a sua alma e ofuscando a acção do espírito. Discute-se se essas forças trevosas são fundamentalmente entidades externas ao ser humano ou se, pelo contrário, são meras produções da própria humanidade: podem ser identificadas como verdadeiros demónios pelos cristãos e diversas outras religiões tradicionais, como humanos desencarnados impuros pelos espíritas, como egrégoras ou elementais artificiais pelos esotéricos e como complexos junguianos ou mesmo como impulsos reprimidos vindos do inconsciente freudiano. Duma forma ou doutra é perceptível o poder que têm sobre a vida das pessoas, dominando-as, influenciando-as (ou tentando-as) e conduzindo-as para situações bem prejudiciais e dolorosas.

Em última análise não é verdadeiramente importante saber a verdadeira condição existencial dessas forças negativas, o que talvez até não seja possível em última análise, mas sim conseguir-se a liberdade face a elas; deixar de lhes estar submetido para poder actuar com maior liberdade.

O caminho espiritual é especialmente rico em contactos com essas forças, internas ou não da psique e alma humanas, sendo de primordial importância o reconhecimento dos nossos defeitos, fraquezas, apegos e bloqueios de modo a nos livrarmos deles e da influência que exercem na nossa vida, limitando as nossas possibilidades de crescimento e gerando afinidades e contactos com as forças negativas.

Para conseguirmos isso é preciso deixarmos de os servir, de os alimentar, de os fortificar, de nos identificarmos e termos afinidade com eles; é preciso saber quem são, o que fazem, o que querem, a quem servem... o caminho espiritual é como que uma psicanálise exaustiva e de longa duração onde o conhecimento pessoal é fundamental e as estruturas anímicas vão sendo purificadas das forças ou impulsos psíquicos reprimidos e negados; é um processo de iluminação das zonas sombrias e obscuras da nossa alma de modo a ganharmos em consciência, afugentarmos os demónios interiores (e exteriores assim fixados) e libertarmo-nos para uma vida mais plena e realizadora.

E essa tarefa, apesar de amplamente realizadora e gratificante, é muito difícil, como qualquer psicoterapeuta ou analista sabem: a nossa própria estrutura consciente levanta obstáculos à superação dos bloqueios, pois fomos formados e sobrevivemos encarando assim as coisas; os defeitos, os apegos e as ilusões parecem-se tanto conosco mesmos que se torna difícil libertarmo-nos deles sem nos perdermos, ou assim nos parece... É por isso que no mundo da espiritualidade se fala de sacrificarmos o eu inferior para podermos realizar a união com o eu superior ou, como disse Cristo: «Aquele que perder a vida por mim ganha-a», pois perder a vida pode ser interpretado como libertando-se de todas as ligações mundanas que nos impedem de alcançarmos o Reino dos Céus.

Desta forma percebe-se que seguir o caminho espiritual é saber encarar e superar os poderes do erro, da ignorância, do egoísmo, da dependência e da inconsciência, não só em nós próprios como também no mundo. Seguir o caminho espiritual é saber enfrentar todos os demónios, interiores e exteriores, pessoais e colectivos, procurando iluminar a vida com o poder da compaixão e da compreensão.

Compreende-se assim que a via espiritual é repleta de desafios: desafios face ao próprio eu inferior onde costuma estar centrada a própria consciência; desafios face aos outros, que se podem sentir afectados ou ameaçados nas suas ilusões e apegos; desafios face às situações tradicionalmente designadas como provas ou tentações, quando os elementos dos quais nos queremos libertar surgem com redobrada intensidade à nossa frente, procurando seduzir-nos e iludir-nos para que não nos afastemos da condição de sujeição e eles.

A própria vida parece conduzir-nos a situações onde temos de enfrentar essas forças sombrias, de modo a que vencendo-as, possamos seguir em frente, libertos de mais um problema e reforçados pela aprendizagem e autodescoberta conseguidas.

O caminho espiritual é um terreno fértil em desafios, lutas, confrontações e sacrifícios, mas em que o inimigo não é vencido pela espada nem recorrendo a armas semelhantes, mas sim por um poder que tanto projecta a luz da consciência nos pântanos sombrios das forças inconscientes, como se centra no que é válido, duradouro e dignificante, sem crispções nem hostilidades ou dogmatismos mas antes benigna e mansamente.

E contudo tantas pessoas se aventuram ao encontro dos domínios suprafísicos, como o designado plano astral dos ocultistas, desconhecendo que nele abundam os vícios, as ilusões e as fantasias criadas pela humanidade ao longo dos tempos, estando repleto de «criaturas» que anseiam por captar a atenção e a energia dos incautos e ignorantes que vão em busca de

sensações fortes ou de sabedoria.

- Por último referir uma tendência particularmente presente em discursos de índole esotérica e em grupos deste tipo, mais particularmente nos aderentes «novatos», ou nos simples curiosos dessas matérias: a tentativa de estabelecer patamares comparativos de evolução espiritual. A competitividade espiritual parece ter chegado em força: uns consideram-se calmamente almas mais velhas ou adiantadas do que outras, uns pensam ser mais evoluídos espiritualmente do que outros. Geralmente, estes critérios baseiam-se nas posições alcançadas em sociedades esotéricas com graus hierárquicos, no número de anos dedicados ao esoterismo, no número de frases e máximas aprendidas, nas posturas adoptadas, nas práticas realizadas; em suma, nos diversos critérios subjectivos que cada um delinea na sua própria cabeça para rotular os outros e com eles estabelecer distinções. Mas, curiosamente, a máxima de Jesus de que os primeiros serão os últimos e vice-versa pode destronar muitas ditas grandezas espirituais que por aí abundam.

O caminho espiritual exige grande coragem e mesmo uma certa dose de «loucura» para ser seguido, pois é uma via exigente em sacrifícios e renúncias para com as atracções vulgares, e não pode ser feito sem um sentido de responsabilidade nem um contínuo processo de conhecimento, domínio e purificação pessoais, pois as hipóteses do eu inferior e das suas paixões tomarem o comando do processo e desviarem da rota certa são grandes, seduzindo sempre o viajante com a vaidade, a megalomania, a ambição e a cobiça tão constantes na realidade humana.

Muitos desejos e ambições que procuram ser satisfeitos e alcançados através da espiritualidade são desejos e objectivos em si mesmos legítimos, especialmente para aqueles em que o mundo físico é o expoente máximo da realização pessoal, mas recorrer à espiritualidade para satisfazer esses objectivos é que é distorcer perigosamente a realidade e a essência das coisas.

O caminho espiritual não é uma via para se amealharem tesouros terrenos nem se conseguirem vantagens para o eu inferior. E aqueles que assim agem estão muito provavelmente a seguir por um caminho diferente, independentemente do que lhe chamem ou se considerem.